



A Identidade e Consumo dos Professores Jovens e Idosos da Educação Superior na sociedade midiaticizada¹

Dayse Maciel de Araujo²

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – São Paulo

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir os fatores do ecossistema comunicacional que afetam a identidade dos docentes do Ensino Superior e as práticas de consumo de dispositivos eletrônicos na sociedade contemporânea. A estrutura da sociedade é descrita pela representatividade dos idosos na força de trabalho ativa da população, por necessidade ou por escolha pessoal, vinculando às práticas dos docentes nas fases da vida adulta e tardia. As reflexões teóricas sobre as práticas educacionais, no cenário da sociedade midiaticizada, são referenciadas pelos estudos das educadoras Maria Isabel da Cunha e Silvia Maria de Aguiar Isaia e Megan Watkins. As questões relacionadas à comunicação e consumo cultural, no contexto da cultura contemporânea, baseiam-se em Frank Trentmann. Os aspectos sociológicos e antropológicos relacionados à fase de vida tardia embasam-se em Guíta Debert, Mike Featherstone, Andres Wernick e Nicolas Rose. Para ilustrar este estudo, incluímos as falas de docentes jovens e idosos, sobre as ressignificações do seu papel na sociedade, através da narrativa de si mesmos. Ao final, observamos que os professores entrevistados sentem-se afetados pelas novas tecnologias de comunicação e informação (TICs) e atribuem grande importância à relação de afeto na interação com os seus alunos em aulas presenciais.

Palavras-chave: comunicação e consumo; sociedade contemporânea; docência; Ensino Superior.

Introdução

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 02 -COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 6º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 2016.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, pesquisadora-membro do Grupo CiCO (Comunicação, Identidade e Consumo), coordenado pela Profa. Dra. Marcia Perencin Tondato, e-mail: daysema@terra.com.br.



No cenário das novas tecnologias de comunicação e informação temos um dilema no processo ensino/aprendizagem da educação formal. Quanto mais se tem consciência da importância da escola na formação dos jovens, menos se valoriza o papel irredutível que o professor exerce no contexto do que é primordial, isto é, a aprendizagem do aluno e a diferença que isso fará no futuro. A disponibilização das informações pelos meios eletrônicos e digitais nos formatos, por exemplo, de *e-books*, aulas e palestras em vídeos, supostamente facilitam a substituição do profissional da educação por dispositivos de comunicação como computadores e *smartphones*. Entretanto, o ecossistema comunicacional contemporâneo, que medeia a comunicação interpessoal entre docentes e discentes, afeta a identidade ontológica do ‘ser docente’ na atualidade.

As novas tecnologias da informação, a ubiquidade dos meios de comunicação de massa, a instabilidade do mercado de trabalho e a indecisão sobre as necessidades que estão por vir, vêm abalando o papel e o trabalho do professor do Ensino Superior (ES), historicamente situado na tradicional lógica da transmissão do conhecimento, em que o passado, no sentido do saber acumulado, formava a base para a interpretação do presente e para discutir as escolhas do futuro.

Buscaremos neste artigo discutir de que forma o ecossistema comunicacional da atualidade afeta a identidade dos professores universitários jovens e idosos em diálogo com os seus alunos. O contexto abarcará a representatividade dos idosos na força de trabalho ativa da população, por necessidade ou por escolha pessoal.

Para ilustrar este estudo apresentaremos alguns elementos da subjetividade de docentes jovens e idosos, cujas carreiras são desenvolvidas em escolas de graduação e pós-graduação.

Aspectos ontológicos do ‘ser docente’

Em artigo publicado em 2000, a professora Silvia Maria de Aguiar Isaia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ressaltou que o interesse pela pessoa do professor não é inseparável do estudo da dinâmica dos acontecimentos internos e externos que contribuem ou não para a sua constituição como profissional e pessoa.



Observe-se que, naquele momento, ainda não estavam presentes na sociedade brasileira, de forma amplamente disseminada, a comunicação via redes sociais devido à falta de infraestrutura de transmissão de dados como se encontra hoje em dia, em parte, nas zonas urbanas brasileiras.

Contudo, prestes a entrar no contexto da 'Sociedade da Informação' (Castells, 2000) no século XXI, Isaia indagou: quem é este sujeito, a pessoa e o profissional da educação universitária? Que temas como mal-estar docente, mundo interior, 'eu' profissional individual e coletivo, processo identitário, entre outros, constituem-se os focos de análise da contextualização da trajetória de constituição/construção dos docentes do ensino superior? No artigo, de caráter teórico, constatou-se que os docentes do ensino superior, quando indagados sobre a sua prática educativa, apontaram a solidão que sentiam em relação à condução da mesma. Sem dissociar o profissional da educação do sujeito social, Isaia reflete que o professor universitário, por ser adulto, se encontra no centro de uma luta geracional: “se preocupa com os problemas inerentes às gerações mais jovens (filhos, alunos, etc.), como também com aqueles decorrentes da geração mais velha (familiares, antigos professores, etc.).” (ISAIA, 2000, p.31).

Demograficamente temos uma mudança no século XXI. Espera-se que o número de centenários mais que duplique em todo o mundo até 2030, as projeções indicam quase 3,4 milhões deles até 2050. No Brasil, o envelhecimento da população está se acelerando. Pessoas acima de 60 anos correspondem a 10% da população e estima-se que, em 2050, o número de brasileiros acima de 60 anos totalizará cerca de 70 milhões e, dentre eles, 16 milhões terão idade acima de 80 anos. (Exame.com, 2014). Vale lembrar que o aumento da longevidade é uma consequência dos avanços em saúde pública, educação e desenvolvimento econômico.

Diante dessa realidade e no universo composto pelos docentes que já exercem a profissão há mais de 30 anos, há um novo cenário na constituição de sua identidade e atribuição de sentidos para a carreira do professor universitário. O docente contemporâneo tem a possibilidade de continuar a exercer a sua atividade profissional,



se não se isolar ou alienar-se, perante as novidades e as mudanças proporcionadas pelas novas formas de comunicação adotadas pela geração de seus alunos e jovens colegas.

Para Cunha, a revolução tecnológica está produzindo "a fórceps" uma nova profissionalidade docente: não há mais lugar para a clássica percepção do professor como principal fonte da informação, depositário da verdade e das certezas, que, na frente dos alunos, esmera-se para transmitir tudo o que sabe". (CUNHA, 2000, p. 48).

Hoje, o professor poderá tornar-se um mestre singular diante da possibilidade de exercer uma função que a máquina não faz: valer-se da sensibilidade humana para intervir na interpretação das informações relevantes, além de interagir e dialogar, afetuosamente, com seus alunos na construção do conhecimento.

A figura do consumidor e o consumo imaterial

Em sua obra *The making of the consumer* (2006) o pesquisador Frank Trentmann nos ensina que a figura do "consumidor", como parte da engrenagem da riqueza e representante do interesse público, é uma figura integrante dos discursos políticos contemporâneos. Entretanto, é como se sempre tivesse existido com naturalidade.

O autor explicou que todas as sociedades se engajaram no consumo, compraram, trocaram, presentearam, usaram produtos e serviços, mas foi apenas em um contexto específico, nos séculos XIX e XX, que algumas práticas de consumo (não todas) foram conectadas ao sentido de "ser um consumidor" como identidade, receptor ou categoria para análise. O consumo de massa é associado ao modernismo enquanto os sujeitos críticos e individualistas são articulados aos estudos de estilo de vida da modernidade tardia. Desta maneira, o consumidor foi um "produto" da riqueza dos anos 1950-60 e, de acordo com Bourdieu, o pano de fundo foi o papel das práticas de consumo para criar e recriar distintos status de grupos sociais. (TRENTMANN, 2006, p.3).

Como o consumidor adquiriu uma aura positiva de interesse e identidade? Segundo Trentmann, se não era totalmente ausente, não tinha voz e era tratado como instrumento para outros interesses. A demanda universal pelo direito de consumo não



era contemplada na sociedade de consumo, valorizava-se o produtor e não o consumidor.

A unificação da categoria “consumidores” foi a associação da dinâmica do marketing e lojas de departamentos com a expansão material e simbólica da compra na vida das pessoas, além do mundo de sonhos e desejos criados em torno delas. Publicitários e psicólogos influenciando o marketing assistiram a disseminação crescente dos consumidores.

Em estudos de mercado no período 1930-60, os varejistas independentes ("peritos") seriam desafiados por especialistas favorecendo a abordagem mais abstrata do consumidor pelos centros de consumo e pesquisa de demanda que surgiram em ambos os lados do Atlântico (Norte...), incluindo países socialistas. Institutos de pesquisa de mercado e lojas de departamento começaram a substituir o consumidor "genérico" e uniforme por grupos de consumidores segmentados. (TRENTMANN, 2006, p.14)

O autor alerta que o consumidor pode ter uma identidade relativamente pouco densa, flexível ou difusa, mas é bom lembrar que as identidades mais densas/pesadas/rígidas têm incluído não só o cidadão republicano, mas também os projetos mais brutais e totalizantes do nacionalismo, do fascismo e do comunismo. A identificação do recente renascimento do consumidor no discurso público e político no contexto do neoliberalismo tende a obscurecer as afinidades entre os consumidores e a sociedade civil. E ressalta que nas últimas décadas pode não ser coincidência ter acontecido ao mesmo tempo, o renascimento da sociedade civil e a crescente conscientização/reconhecimento dos consumidores. (TRENTMANN, 2006, p.21).

A velhice na cultura contemporânea

De acordo com o relatório “Perfil do envelhecimento” da Organização das Nações Unidas (ONU, 2013), muitas pessoas mais velhas, especialmente nos países em desenvolvimento, ainda trabalham em idades mais avançadas por necessidade ou por um desejo de permanecer ativo e produtivo. Em 2010, a participação da força de trabalho de pessoas com 65 anos ou mais era, aproximadamente, de 31% nas regiões



menos desenvolvidas e 8% nas regiões mais desenvolvidas. Em ambas as regiões, os homens representavam a grande maioria da força de trabalho. Isso poderá mudar, no médio prazo, se as mulheres mais jovens, que hoje participam em maior proporção do mercado de trabalho, estenderem suas atividades profissionais quando chegarem aos 65 anos.

Os dados evidenciados no relatório sugerem que há grande variação internacional na prevalência da pobreza na velhice. Embora os idosos, na maioria dos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), estejam cobertos por sistemas de proteção social, a taxa de pobreza relativa de idosos tende a ser maior do que a da média da população.

Em paralelo, observou-se que os rendimentos do trabalho das pessoas idosas são uma importante fonte de apoio econômico na velhice, especialmente em países em desenvolvimento. O relatório apontou que o consumo dos idosos é financiado por transferências públicas em países desenvolvidos e, em alguns países em desenvolvimento, com extensa cobertura da segurança social. Porém, apenas em alguns países de alta e média renda o ganho é complementado com seus próprios ativos financeiros. E, na maioria dos países, tanto as pessoas mais velhas ricas ou pobres são colaboradoras das despesas familiares.

De acordo com o documento firmado na Segunda Assembleia Mundial da ONU sobre o envelhecimento, ocorrida em Madri em 2002, os idosos devem ter a possibilidade de continuar a trabalhar e gerar renda enquanto quiserem e durante o tempo que eles são capazes de fazê-lo de forma produtiva. O desemprego, subemprego e a rigidez do mercado de trabalho muitas vezes restringem as oportunidades para os indivíduos e privam a sociedade de suas energias e habilidades. A economia global pode se beneficiar ao usar a experiência e as competências dos trabalhadores mais velhos para treinar os funcionários mais jovens.

Conceitos do envelhecimento

Aos 80 as marcas da decadência são muito visíveis. As reações são um pouco mais lentas, os nomes frequentemente escapam e as energias devem ser economizadas, mas, mesmo assim, pode-se muitas vezes se sentir cheio



de energia e vida e não de todo "velho". Talvez, com sorte, eu vou conseguir, mais ou menos intacto, por mais alguns anos e me será concedida a liberdade de continuar a amar e a trabalhar, as duas coisas mais importantes, Freud insistiu, na vida. (Oliver Sacks, 2013).

Assim, Oliver Wolf Sacks, professor de neurologia e psiquiatria, escreveu, em um artigo publicado no jornal *New York Times*, dias antes de completar 80 anos. Embora consciente das dificuldades fisiológicas do corpo humano, inerentes ao envelhecimento, não deixava de ter esperança e sentir alegria ao vivenciar a velhice. Sacks declarou que tinha a expectativa de poder fazer o que quisesse com liberdade aproveitando os momentos de lazer. (SACKS, 2013).

Na obra *Images of Aging: cultural representations of later life*, Mike Featherstone e Andres Wernick ressaltam que as pessoas relacionam o grau de envelhecimento de acordo com o declínio do corpo físico. Este foco é direcionando pelo corpo visível, o corpo que vê e pode ser visto, o qual oferece uma sensação dramática do lado obscuro do processo de envelhecimento. Ressalta ainda a noção de que, para alguns, "o corpo exterior e rosto podem tornar-se uma estrutura exterior estranha que aprisiona e pode mascarar para sempre as possibilidades de expressão do interior de si próprio." (FEATHERSTONE; WERNICK, 1995, p.2).

Os autores oferecem uma interessante autoanálise ao se reconhecerem como "Babyboomers" grisalhos e pertencentes a uma geração que tem estado no centro das atenções culturais ao longo da vida, entre outros fatores, pela sua importância para o mercado de consumo. Entretanto, o ponto que destacam é o fato de terem vivido experiências radicais da década de sessenta quando questionaram os valores da sociedade conservadora da época. Assim, consideram quase natural que, ao atingir 40-50 anos, questionem o papel que a sociedade contemporânea atribui aos idosos. Em suas palavras:

Em vez de socialmente críticos, narcisisticamente egocêntricos e auto definidos como eternamente jovens, o que poderia ser mais natural, então, do que aqueles desta geração com interesse profissional na cultura e na sociedade deveriam agora começar a virar a atenção para o seguinte - e última - experiência do curso da vida, estamos começando a mudar coletivamente? (FEATHERSTONE; WERNICK, 1995, p.13).



Também Guita Debert (1999), pesquisadora respeitada sobre as questões sociais articuladas à fase de vida tardia, aponta que o estudo das mudanças na periodização da vida tem sido pouco estudado por antropólogos interessados em explicar as configurações culturais nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Ao escrever sobre “as classificações etárias e a juventude como estilo de vida” Guita Debert (1999, p.40-41) observou que os antropólogos têm a convicção de que é necessário descrever as mediações concretas para explicar a expressão do capitalismo, dos meios de comunicação e do crescimento urbano. E por esse caminho buscavam novos recortes nos objetos de suas pesquisas que fossem além ao de classe social. Neste prisma, as questões de gênero e idade aparecem como “dimensão privilegiada para dar conta do caráter das mudanças na sociedade brasileira contemporânea”. (Idem). Assim, a experiência masculina e feminina incorporou-se ao debate acadêmico, mas o mesmo não aconteceu com as idades. Mesmo em projetos nos quais o recorte por faixa etária é fundamental, “raramente aparecem explicitadas quais as mudanças ocorridas nessas noções”. (Idem).

A partir de Meyer Fortes, a autora menciona a criação da “Terceira Idade”, na qual se distinguem “níveis de maturidade”, “idade geracional” e “idade cronológica”. Debert relatou que nos estudos antropológicos de Fortes, o conceito de idade é diferente em sociedades ocidentais e não ocidentais. Nestas, leva-se em consideração o reconhecimento da capacidade para a realização de certas tarefas, portanto, o nível de maturidade é diferente do tempo cronológico de vida do indivíduo.

Já nas sociedades ocidentais, a idade cronológica é estabelecida “por um aparato cultural, um sistema de datação, independente e neutro em relação à estrutura biológica e à incorporação dos estágios de maturidade” (Idem). Nesses locais, por não dispor de uma cultura que refletisse os estágios de maturidade, adotavam-se leis para determinar os direitos e deveres dos cidadãos.

Dessa maneira, o Estado regulamenta as etapas de escolarização, a entrada e a saída no mercado de trabalho e o início da aposentadoria. A pesquisadora também



chama a atenção para outras possibilidades e conceitos que vão além da visão de gerações sucessivas de famílias na história da sociedade ocidental contemporânea.

A partir de autores como Kriegel e Antony Giddens, propõe um novo olhar com base no processo de subjetivação dos sujeitos que não acaba nunca. Nesse aspecto, argumenta-se que na contemporaneidade a ideia de ciclo de vida pré-determinado pode deixar de existir. Debert acredita que:

o curso da vida transforma-se em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo: como uma crise de identidade o curso da vida é construído em termos de necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise. (DEBERT, 1999, p. 53).

A pesquisadora destaca, ainda, as considerações de Gail Sheely que classificou a fase de vida após os 50 anos com a “década fatal”. Segundo Debert, Sheely propôs que esse momento poderia ser um período de renovação ou de resignação. Portanto, disse Sheely³, “desfazendo o nosso ‘eu’ podemos vislumbrar a luz e juntar nossas partes de novo, construindo uma nova personalidade”. (DEBERT, 1999, p. 65).

Neste particular, Nikolas Rose aponta que na convivência em sociedade há uma pressão dissimulada para que o sujeito seja um certo tipo de ‘eu’. E, esta exigência é sempre conduzida “por meio de operações que distinguem ao mesmo tempo que identificam”. Rose advoga que “para ser o eu que *a gente é*, *a gente* não deve ser o eu que *a gente não é* – não *aquela* alma desprezada, rejeitada ou abjeta”. (ROSE, 2001, p. 187).

Opondo-se enfaticamente à imposição social de uma forma pré-determinada de agir, de comportar-se e de simular um modo de ser, Rose argumenta que:

embora não estejamos, sem dúvida, nem na aurora de uma nova era nem no crepúsculo de um novo tempo passado, podemos, talvez, começar a discernir o rachar desse espaço de interioridade que foi uma vez seguro, o desconectar de algumas das linhas que formaram esse diagrama, a possibilidade de que, mesmo que não possamos “desinventar” a nós mesmos, possamos ao menos reforçar a questionabilidade das formas de ser que têm sido inventadas para nós e começar a inventar a nós mesmos de forma diferente. (ROSE, 2001, p.198).

³ Debert informa que a citação se encontra no livro *Passagens: crises previsíveis da vida adulta*, p. 43.



Interações entre alunos e docentes jovens e idosos

Em seu ensaio, com base em pesquisas empíricas, “*Desiring Recognition, Accumulating Affect*” (2010), Megan Watkins discute os vários afetos vividos por professores e alunos para desenvolver uma teoria de aprendizagem que atenda ao papel pelo qual o hábito e afetos acumulados influenciam no desejo de aprender.

Mais especificamente a pesquisadora analisa o impacto que a forma de interação professor/aluno pode influenciar na disposição para a aprendizagem. Seu interesse é explorar ambas as dimensões do afeto, “da sua capacidade de funcionar como força e capacidade, *affectus* e *affectio*, [...] como o afeto e as formas que o seu acúmulo no organismo podem promover o desejo e a capacidade de aprender.” (WATKINS, 2010, p.270). A autora explica que o corpo, que é afetado, é o que pensa e esta influência interfere diretamente no processo de cognição, na formação da consciência e no desenvolvimento da subjetividade. Argumenta ainda que a intensificação da relação afeto/cognição é de particular importância para a teoria pedagógica uma vez que “as maneiras pelas quais o professor apoia o aluno, influencia sua aprendizagem.” (WATKINS, 2010, p.277).

As narrativas sobre si mesmo de professores jovens e idosos

A título de exercício prático entrevistamos, presencialmente, quatro professores de cursos de graduação e pós-graduação da cidade de São Paulo. O objetivo foi compreender aspectos da identidade dos profissionais da educação que ingressaram na carreira antes e após o ano 2000. Através dos relatos sobre si mesmos, investigamos os seus sentimentos, no início e no momento atual da carreira, com uma única pergunta: *como você se sentia ao ministrar aulas no primeiro ano que atuou como docente e o que mudou em seus sentimentos no período mais recente? Por quê?*

Na análise buscou-se identificar o impacto das tecnologias de comunicação e informação, no âmbito da educação formal, na interação dos docentes, de diferentes faixas etárias, junto aos alunos em aulas presenciais. Todos têm experiência como docentes em cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*.



Quadro 1: Docentes universitários entrevistados em 2014.

Nome	Formação	Tempo de docência	Disciplinas que leciona
Alexandre	Administrador de Empresas	10 anos	Marketing
Fernanda	Psicóloga	13 anos	Gestão de equipes
Carlos	Administrador de Empresas	35 anos	Finanças
José Raimundo	Economista	38 anos	Filosofia, Matemática, Economia, Direito

O primeiro aspecto que ressaltamos, da fala dos entrevistados, é a dimensão do afeto apontada por Megan Watkins devido a “sua capacidade de funcionar como força e capacidade, *affectus* e *affectio*, [...] como o afeto e as formas que o seu acúmulo no organismo podem promover o desejo e a capacidade de aprender”. (WATKINS, 2010, p.270). Independente da faixa etária, os entrevistados mencionaram a força das interações que os afetam e, simultaneamente, afetam os alunos:

Alexandre: “Sempre tive uma ligação afetiva muito forte com meus alunos de graduação [...] O reconhecimento dos alunos, para mim, é muito valioso: nestes anos, fui nome de turma 12 vezes, além de convites como patrono e paraninfo”.

Fernanda: “os alunos participam e dão feedback. Preparo-me mais até do que antes”.

Carlos: “Eu fiz curso de oratória durante nove meses para me preparar, gostava de dar aula, chamava os alunos pelo nome, amava e me encontrei. [...] Dou importância para o aspecto emocional, acho que não deve perder, nem eliminar”.

José Raimundo: “Eu sentia e sinto sempre a mesma coisa: as dúvidas e a insegurança se a aula será bem estruturada logicamente e bem ensinada com o uso de ilustração e bons argumentos”.

Com relação à presença das TICs no contexto atual, a geração nascida nas décadas 1980-90 cresceu na era da *sociedade da informação*, contando com a popularização da internet a partir de 1995. Porém, ficou apenas mais fácil acessar as informações, mas não, necessariamente, compreendê-los. Observamos pelo depoimento dos professores que a forma de comunicação interpessoal se encontra



impactada pela cultura virtual presente no cotidiano desses jovens. A linguagem do ensino formal, antes predominantemente oral e tipográfica, hoje pode ser acrescida de imagens em movimento aliada ao estímulo auditivo. Quem sabe os alunos esperem aulas tão estimulantes quanto os *games* que tanto os seduzem? No escopo deste estudo não temos resposta para esta pergunta. O que chamou nossa atenção é que os dois professores mais jovens se sentem desconfortáveis com essas demandas, apesar de terem familiaridade com as tecnologias de informação e comunicação atuais.

Alexandre: *“vejo com muita preocupação a tendência às aulas se transformarem em “aulas show”, com Powerpoints pirotécnicos, com professores servindo cada vez mais como showman”.*

Fernanda: *“Os alunos respeitavam mais o professor, agora a atenção é dispersa. A expectativa mudou em sala de aula”.*

Watkins também afirmou que através da interação, via experiências semelhantes, “os afetos se acumulam sob uma forma que pode predispor a pessoa a agir e reagir de maneiras específicas”. Essa consciência, do efeito que os ensinamentos têm ao longo do tempo, encontra-se nas preocupações tanto do professor jovem quanto do idoso:

Alexandre: *dar conselhos diversos e servir como apoiador de seus projetos [...] hoje, vejo que a minha preocupação está muito voltada ao entendimento do perfil da sala e nas formas que possamos utilizar para transmitir o conteúdo de forma clara e efetiva para turmas cada vez mais heterogêneas.*

Carlos: *Eu me importo muito com a avaliação e fiquei muito satisfeito porque, em 2014, a nota do curso foi mais alta que a do professor, isso me deu muita satisfação.*

E, para finalizar, lembramos que Guita Debert (1999, p. 53) defendeu que o curso da vida pode se transformar “em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra”. Quanta vitalidade e energia encontram-se nas falas dos professores com mais de 35 anos de profissão:

Carlos: *“Até hoje o que mais gosto de fazer é dar aula, é nobre participar da formação das pessoas. [...] Agora vou ter uma experiência nova, gravar para curso EaD.”*



José Raimundo: “Meus critérios são que a aula tem que ser sempre realizada sem consulta, exceto lousa e giz, portanto, ela tem que ter uma organização e estruturação bem lógica. Além disso, o recurso do PowerPoint apenas em condições especiais que exigem gráficos ou dados”.

Considerações finais

Historicamente, as mudanças demográficas criaram desafios importantes para as sociedades. Tal fenômeno tem suas raízes no século XVIII, com a escolarização das crianças, e atinge seu ápice no século XX, com a criação de programas sociais e culturais exclusivos para a Terceira Idade.

Com a mudança mais rápida da estratificação da população por idade, no século XXI, provavelmente a sociedade terá uma nova visão sobre a velhice. Como propõe Featherstone, a ideia de envelhecimento pode deixar de ser associada apenas ao acréscimo de anos e poderá significar mais vida na fase tardia da existência. Em resumo, encontrar-se em uma faixa de idade definida por estudos demográficos pode não ser um destino pré-determinado culturalmente pela sociedade.

Como parte desse fenômeno, observa-se que a participação de indivíduos idosos na força de trabalho vem aumentando em países desenvolvidos e, especialmente, entre aqueles com maior nível de escolaridade. Neste aspecto, é relevante pontuar a importância da distribuição de renda e a política educacional presente em cada país. No caso particular dos brasileiros, temos um enorme desafio pela frente, pois, de acordo com o levantamento do relatório *Global Age Watch*⁴, em 2014, o Brasil ocupou 58º (entre 92 países analisados) lugar no ranking de qualidade de vida para idosos.

Entretanto é importante salientar que os parâmetros vivenciais relacionados à qualidade de vida podem não ser os únicos fatores a influenciar a trajetória de vida dos professores do Ensino Superior. Os protagonistas, docentes e discentes, do processo

⁴ O relatório é elaborado todo ano pela organização britânica de ajuda à velhice *Help Age International*. Consideram-se fatores como renda, saúde física e bem-estar emocional, segurança, possibilidade de trabalho, dentre outros.



ensino/aprendizagem, são mediados pelo ecossistema comunicacional da sociedade contemporânea, têm como referencial os seus grupos geracionais e ressignificam os acontecimentos do seu mundo.

Essas premissas, maior longevidade e novos dispositivos digitais para comunicação, tensionam as práticas da profissionalidade do professor, de todas as faixas etárias, ao afetar a sua identidade e aspectos valorativos do seu papel na sociedade. O docente do Ensino Superior, na contemporaneidade, tem o papel indispensável de agente de interpretação dos saberes, construindo em diálogo com os seus alunos, novos conhecimentos, no contexto da cultura onde acontece o ato educativo.

Referências

CUNHA, Maria Isabel da Cunha. Ensino como mediação da formação do professor universitário. In: Morosini, Marília Costa (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1999.

EXAME.COM. **O valor das horas de voo**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1068/noticias/o-valor-das-horas-de-voo>>. Acesso em 16/05/2016.

FEATHERSTONE, Mike; WERNICK, Andres. *Images of Aging: cultural representations of later life*. London: Routledge, 1995.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Professor universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional. In: Morosini, Marília Costa (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SACKS, Oliver. *The Joy of Old Age*. (No Kidding.). The New York Times, 06/07/2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/07/07/opinion/sunday/the-joy-of-old-age-no-kidding.html?_r=0>. Acesso em: 16/05/2016.



TRENTMAN, Frank. *The Making of the Consumer: knowledge, power and identity in the modern world*. New York: Berg, 2006.

WATKINS, Megan. Desiring recognition, accumulating affect. In: GREGG Melissa; SEIGWORTH, Gregory J. *The affect theory reader*. USA: Duke University Press, 2010.

ZERO HORA. **Brasil ocupa 58º lugar no ranking de qualidade de vida para idosos.** Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/10/brasil-ocupa-58-lugar-no-ranking-de-qualidade-de-vida-para-idosos-4611000.html>>. Acesso em: 16/05/2016.